

# ***A Fábula de Rubem e de Paulo***

***Carlos Rodrigues Brandão***

Imagino que entre pessoas próximas de Rubem Alves ou de Paulo Freire (ou de um e do outro, como no meu caso) algumas conhecerão algo do que vou narrar. No entanto, como ao longo de décadas nunca vi isto dito ou escrito, acredito que valha a pena recordar. Nem que seja como um depoimento a respeito de algo que à distância aproximou, sem ainda se conhecerem pessoalmente, as duas pessoas de que falo aqui.

No começo dos “anos sessenta” Paulo Freire, junto com a sua pioneira “equipe nordestina” trabalhava no *Serviço de Extensão Comunitária* da então *Universidade do Recife*. Em outros escritos meus comentei longamente o que eles fizeram e criaram<sup>1</sup>. Havia acabado de criar não apenas o “Método Paulo Freire de Alfabetização de Adultos”. Havia criado todo um “Sistema Paulo Freire de Educação”, que ousadamente imaginava uma “universidade popular” em seus patamares mais elevados.

Depois dos resultados promissores da aplicação de seu “método” em Angicos, nos sertões do Rio Grande do Norte, o Ministério da Educação programou uma grande investida de alfabetização de massa no Brasil, sob coordenação de Paulo e de sua equipe.

O golpe militar de abril de 1964 frustrou esta e algumas outras iniciativas pedagógicas de vocação popular. Paulo foi detido, levado à delegacia, interrogado e posto sob suspeita. E pouco depois Paulo iniciava com a família um exílio que os deixaria fora do Brasil por 13 anos.

Primeiro viveram no Chile, onde ele escreveu ou ultimou livros, e onde trabalhou junto a cooperativas de pequenos produtores rurais. No Chile ele concluiria a mão o seu livro *Pedagogia do Oprimido*.

E aqui algo nesta fabula da história o aproxima de Rubem Alves.

Deixando com a família o Chile, Paulo passou pela Bolívia, estagiou nos EUA e deixou lá uma cópia de seu livro. Escrito inicialmente desde o Brasil, e destinado com prioridade à América Latina, *Pedagogia do Oprimido* foi publicado inicialmente em Inglês (The Seabury Press, em 1970); depois em Espanhol (Editora Tierra Nueva, em 1970); a seguir em Italiano (Editora Arnoldo Mondadori, 1971); depois em Alemão (Editora Kreutz-Verlag, 1971); a

---

<sup>1</sup> Indico especialmente um artigo não sei se já publicado: *Paulo Freire – cultura, educação e universidade*. Mas os quatro primeiros artigos de Paulo e sua equipe podem ser encontrados na íntegra no essencial livro-coletânea organizado por Osmar Fávero: *Cultura e Educação Popular – memória dos anos sessenta*. Foi publicado em 1983 pela Edições GRAAL e é até hoje um livro atual

seguir em Francês (Editora Maspero, 1974), e somente um ano depois em Português (Editora Paz e Terra, 1975).

As edições impressas buscaram ser fiéis ao original escrito a mão, e a uma possível versão depois datilografada. No entanto, todas omitiram algumas passagens mais radicais e, entre elas, dois pequenos esquemas desenhados a mão (Paulo era mau desenhista). Um deles sobre a “Teoria da Ação Opressora” e, o outro, sobre a “Teoria da Ação Revolucionária). No *Pedagogia do Oprimido – o manuscrito*, editado no Brasil pelo Instituto Paulo Freire e a UNINOVE, de São Paulo, o original a mão está na página 322. E a versão impressa na página seguinte<sup>2</sup>.

Ao longo dos mesmos anos, Rubem Alves estava vivendo situações e experiências não muito distantes das vividas por Paulo Freire. Concluídos os seus estudos no Seminário Presbiteriano de Campinas, ele iniciou uma vida de pastor e professor em Lavras, em Minas Gerais, provavelmente não muito longe de sua nunca esquecida cidade natal: Dores de Boa Esperança (hoje sem as “Dores”).

Em 1964 ele viajou sozinho para os EUA, e lá realizou os seus estudos e elaborou a sua dissertação de mestrado em teologia. Em um jornal americano ele leu ao acaso notícias sobre o “golpe militar no Brasil”. E retornou então a um País já então submetido a uma ditadura militar.

De volta a Lavras, e já um praticante e pensador do que viria a ser a Teologia da Libertação, não é muito conhecido o fato de que no ano de 1966 Rubem Alves e um outro precursor da Teologia da Libertação, Gustavo Gutierrez, encontraram-se em uma cidade da Suíça, em um grande colóquio a respeito da conjuntura mundial e do papel das igrejas cristãs. Os dois foram os representantes convidados desde América Latina. Anos mais tarde, em um inverno de 1989 tocará a mim encontrar-me com o mesmo Gustavo Gutierrez, no Saint Edmund’s College, ao qual solenemente nos afiliamos, quando estivemos na Universidade de Cambridge.

No Brasil dos “anos sessenta” Rubem Alves foi admoestado e, depois, denunciado, provavelmente por integrantes eclesiais de sua própria igreja. A conselho de amigos e com uma bolsa oferecida por uma entidade também presbiteriana ele partiu, agora com a família, para os EUA. Durante quatro anos realizou os seus estudos de doutorado em teologia, junto à Universidade de Princeton, em Nova Jersey.

Em 1969, um ano antes da primeira edição em inglês de *Pedagogia do Oprimido*, sua tese saiu publicada nos Estados Unidos<sup>3</sup>. O nome original dela

---

<sup>3</sup> A edição original do manuscrito do *Pedagogia do Oprimido* é de 2013. Saiu a seguir uma nova em 2018, tendo ao lado das páginas originais, uma com o mesmo texto impresso, dada a dificuldade em compreender toda a escrita manual de Paulo Freire. Por resolução da família de Paulo, o “manuscrito” não foi publicado comercialmente, e não foi colocado à venda, mas distribuído gratuitamente a escola, bibliotecas e outros centros de estudos.

<sup>4</sup> Eis uma outra pequena “história esquecida” dos “anos sessenta”. Paulo no exílio foi durante anos acolhido pela sede central do *Conselho Mundial das Igrejas*, uma

em Português é: *Por uma Teologia da Libertação*. Por insistência dos editores seu inovador e mesmo revolucionário trabalho foi publicado com este título, quando traduzido para o Português: *Uma teologia da esperança humana*.

Muitos anos mais tarde a Editora Siano, de Juiz de Fora, republicou o livro de Rubem Alves, agora com o seu nome original: *Por uma Teologia da Libertação*.

Leio agora, no final de 2020, os dois livros ao mesmo tempo. Observo que entre as primeiras páginas Rubem Alves mais de uma vez lembra Paulo Freire, e transcreve citações de seu livro *A educação como prática da liberdade*. Será uma das primeiras vezes em que um livro de teologia originalmente escrito em Inglês cita um livro de pedagogia. E de uma pedagogia nada convencional, sobretudo ao gosto norte-americano.

Há extraordinários pontos de convergência entre os dois livros, e imagino o quanto Paulo Freire teria para fecundar ainda mais *Pedagogia do Oprimido*, se houve podido ler *Por uma Teologia da Libertação*. Isto sobretudo porque entre Rubem e Paulo existe uma extorsionária convergência a respeito da difícil questão da fundamentação da ideia de “humanismo”, e do que ela desafia pensar e agir. Humanismo e suas derivadas são palavras preciosas e absolutamente frequentes em Paulo, assim como em Rubem. (Atenção candidatas/os a pós-graduação: excelente tema para uma boa tese!)

Paulo, ao longo de todo o seu livro tratará de fundar uma aguerrida e amorosa pedagogia, cuja missão é gerar mulheres e homens capazes de se conscientizarem o bastante para se unirem e se libertarem, não do opressor, mas da conjuntura histórica e da estrutura sociocultural que submete ao mesmo tempo “oprimidos-e-opressores”. E que, uma vez superada deveria – em termos bastante próximos da teologia da libertação – libertar ao mesmo tempo o oprimido e o opressor, a partir da criação coletiva de uma “síntese cultural” libertadora e superadora da “invasão cultural” dominante, em nome de um sujeito: “o ser humano”; através de um processo revolucionário, amorosamente “humanizador”; em direção a um “humanismo” que em vários escritos (e sucessivas falas) Paulo reclamará como algo distante de suas raízes europeias, e bastante mais vocacionado a transformar a dimensão humana do mundo, do que preocupado academicamente em pensá-la.

---

instituição protestante. Uma revista protestante-ecumênica de *ISAL – Iglesia y Sociedad en América Latina* publicou em Espanhol, em 1969, antes da edição de *Pedagogia do Oprimido* sair como um livro, os seus capítulos, como artigos sequentes em um “suplemento” de *Cristianismo y Sociedad*, a revista de ISAL. Assim, na verdade, de algum modo *Pedagogia do Oprimido* foi publicado em Espanhol, antes de sair como um livro em Inglês. Finalmente, Orlando Fals-Borda, o sociólogo colombiano que também em meados dos anos sessenta lançou a proposta de uma “sociologia de la liberación”, e assentou os fundamentos da versão sociológica do que veio a ser a investigação-ação-participante, foi igualmente uma pessoa de origem protestante-presbiteriana. E também com uma bolsa de sua igreja ele realizou estudos de sociologia nos EUA. Estranhas coincidências e preciosas estórias convergentes que a nossa crítica memória social e política... esqueceu.

O este “humanismo” Rubem Alves acrescentará o qualificador “político”, ao longo de seu livro. E esta categoria fundadora e recorrente ao longo de *Por uma Teologia da Libertação*, estará por igual presente em *Pedagoga do Oprimido*. Apenas as duas palavras: “humanismo” e “político” aparecerão nele... separadas.

Estranho o destino dos livros. *Pedagogia do Oprimido* merecidamente tornou-se um livro ícone em praticamente todo o mundo. Ao ver de algumas pessoas, ele um dos dez livros mais essenciais do século XX. Conheceu mais de 40 traduções, e segue sendo um dos livros mais lidos, comentados e controvertidos. E não apenas em Faculdades de Educação. Por outro lado, republicado tardiamente, e muito pouco conhecido fora do círculo de pessoas estreitamente vinculadas ao exercício da teologia, *Por uma Teologia da Libertação* somente agora recebeu uma nova e merecida reedição.

Recomendo fortemente a leitura dos dois livros alternadamente.

Em 1980 Paulo retornou de seu exílio. Ele de imediato foi contratado como professor da Pontifícia Universidade Católica de São Paulo (um dos mais fortes e persistentes polos de resistência ao regime militar). E foi proposto como professor titular da Faculdade de Educação da Universidade Estadual de Campinas, onde Rubem Alves já trabalhava, vindo do Instituto de Filosofia e Ciências Humanas (e onde permaneço até hoje como “professor colaborador”).

No Conselho Universitário da UNICAMP a sua contratação como “professor-titular MS6” foi contestada. Afinal, Paulo nunca havia “feito doutorado”. Foi então pedido a Rubem que se manifestasse por escrito. Rubem escreveu um célebre parecer, que mais tarde Ana Maria Freire acrescentou à sua biografia de Paulo.

Nele Rubem afirmava que não se tratava de a UNICAMP questionar se Paulo Freire poderia ser contratado como “professor-titular”. A seu ver caberia a Paulo Freire interrogar se a UNICAMP seria de fato digna de acolher como “professor-titular” um educador como Paulo Freire.

Ele foi acolhido como “titular”.

E desde então até a partida de Rubem e de Paulo fomos colegas, amigos e companheiros ao longo de vários, fecundos e felizes anos “pós-ditadura militar”.

Sobrei eu, que em nome de Rubem e de Paulo, escrevi isto.

***Campinas, 9 de dezembro de 2020***

***Outros artigos, livros e escritos sobre  
a educação, a antropologia e a literatura  
podem ser livremente acessados  
copiados, etc. no site:  
[www.apartilhadavida.com.br](http://www.apartilhadavida.com.br)***

